

Da crítica da razão pura às razões práticas: Kant e Bourdieu em um ensaio sobre o entendimento humano

From the critical of pure reason to practical reasons: Kant and Bourdieu in an essay on human understanding

Alice Xavier¹

alicepxavier@gmail.com

Resumo

O presente artigo analisa algumas obras de Bourdieu, procurando identificar influências do pensamento filosófico, em especial advindas das obras de Kant, nas pesquisas sociológicas empreendidas pelo autor e nos construtos teóricos que desenvolveu. Ao revisitar algumas ideias e noções da filosofia do pensamento e do sujeito (as razões práticas, a ação racional e inventiva dos agentes, o *habitus*), procurou-se discutir tais conceitos clássicos à luz de temas ainda caros à pesquisa no campo das ciências sociais e da filosofia. O trabalho sugere a necessidade desses exercícios e a importância de interlocução entre as tradições disciplinares para a análise de questões importantes e comuns aos dois campos: o objetivo e o subjetivo, o universal/transcendental, o particular/individual, o racional/consciente, o irracional/inconsciente.

Palavras-chave: Bourdieu; *habitus*; Kant; razão pura; razões práticas

Abstract

This paper analyzes some works of Bourdieu, trying to identify influences of the philosophical thought, especially coming from the works of Kant in his sociological researches and theoretical constructs. By revisiting some ideas and notions of the thought and individual philosophy (the practical reasons, the rational and inventive action of the agents, the *habitus*), this paper tried to discuss such classic concepts in the light of issues that are still important in the Social Sciences and Philosophy. The work suggests the need of these exercises and the importance of dialogue among the disciplinary traditions for analyzing important and common issues to both fields: objective and subjective, universal/transcendental, private/individual, rational/conscious, irrational/unconscious.

Keywords: Bourdieu, *habitus*, Kant, pure reason, practical reasons

¹ Doutora em ciências humanas, ênfase em educação (PUC-Rio). Professora-pesquisadora do Programa Nacional Escola de Gestores (MEC/UFF), da Faculdade Pública Municipal Professor Miguel Ângelo da Silva Santos – Femass (Macaé) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé - Fafima.

Os leitores de Bourdieu reconhecem a importante influência de alguns filósofos, que tanto inspiraram pressupostos metodológicos em suas pesquisas, quanto contextualizaram noções e conceitos revisitados pelo autor (as razões práticas, a ação racional e inventiva dos agentes, o *habitus*). Neste trabalho, proponho revisitar alguns textos de Bourdieu, nos quais o autor problematiza uma série de concepções consideradas muito caras ao pensamento científico, ou à **prática da pesquisa**, em suas próprias palavras. São textos e fragmentos das obras *Coisas ditas* (2004), *Razões práticas* (2008) e *Meditações pascalianas* (2007b). Um dos objetivos foi o de analisar alguns conceitos clássicos, a fim de confrontá-los com algumas percepções e críticas atuais, numa espécie de exercício epistemológico. Noções contrárias e dilemas em torno das noções de injustiça/justiça, direitos, indivíduo, liberdade poderiam justificar tal exercício. As diferentes instâncias de socialização impulsionam uma crítica pertinente, alertando para as novas configurações do mundo, incitando um retorno aos clássicos da filosofia, revisitados em companhia de clássicos ‘contemporâneos’ da sociologia, para analisar questões importantes e comuns aos dois campos: o objetivo e o subjetivo; o universal/transcendental e o particular/individual; o racional/consciente e o irracional/inconsciente.

Essas obras possuem em comum o tom maduro e ponderado de Bourdieu, que, tendo traçado uma longa e produtiva trajetória acadêmica e literária, sintetiza num exercício reflexivo grande parte de suas concepções e teorias sobre o caráter social do comportamento humano. Alguns textos dos livros são originários de falas e conferências feitas pelo autor, bem como entrevistas concedidas a outros estudiosos, que ficaram famosas pelo tom de esclarecimento que Bourdieu lhes conferiu, procurando sustentar a sua postura em torno de temas tão polêmicos. Entre eles, está a acusação recorrente de reproducionista e intelectual conservador.

Nesses livros, o autor busca assumidamente trazer à discussão aquilo que considera essencial, elementar e fundamental em suas pesquisas. Segundo Bourdieu (2008, p. 9), esse exercício somente se tornou possível em sua prática por meio da tentativa de “demonstrar perante plateias estrangeiras a validade universal de modelos construídos a partir do caso específico da França”. É necessário, na perspectiva do autor, refletirmos sobre uma filosofia da ciência, uma filosofia relacional, que, no caso da sociologia, não é posta em prática devido à ênfase dada

mais às realidades substanciais (grupos e indivíduos) que às relações objetivas estabelecidas entre essas realidades.

Bourdieu expressa, contudo, não temer seus contemporâneos - que o criticaram severamente pela suposta **redução dos agentes** - lançando-se, assim, na tarefa de romper com o que chama de **noções patenteadas** sobre o homem-indivíduo, que tão frequentemente nas teorias sociais se assumem enquanto sujeitos ou atores motivados que desempenham papéis. Essas ideias, para Bourdieu, foram publicadas inadvertidamente no meio acadêmico, sendo muitas vezes essa concepção a responsável pela redução das influências de contexto e trajetória, que marcam as razões práticas dos agentes, nas análises e interpretações sociológicas.

A característica principal desses textos é a de fugir de oposições fortes e maniqueístas – **da ideia do isto ou aquilo** – trazendo, principalmente em *Meditações pascalianas* (2007b) com a crítica ao pensamento escolástico e em torno do eterno dilema **universalismo versus relativismo**, uma abordagem anti-intelectualista.

Podemos ver nessas obras, que, de forma assumida, **as mãos dadas com a filosofia** foram principalmente impulsionadas através da teorização sobre o *habitus*², noção retomada e ampliada em diferentes momentos por Bourdieu, para explicar as ações dos agentes na sociedade, enquanto ações duradouras e direcionadoras de uma prática inconsciente e que, ao mesmo tempo, se reinventa no contexto razoável (razão) das práticas.

Acredito ser oportuno tentar estabelecer um ensaio entre **clássicos**. Bourdieu, em suas obras, procurou construir um verdadeiro diálogo com filósofos como Kant, Habermas, Wittgenstein, entre tantos outros, tomando seus conceitos, ora como fundamento para suas teorizações, ora como núcleo de uma crítica reflexiva. Para além deste ensaio - que se supõe como análise preliminar e parcial –, convém destacar que Bourdieu dialogou com outros pensadores, também afinados com o campo filosófico, e que possibilitariam diversas análises, entre os quais, Chompsky, Khun, Mearleau-Ponty e tantos outros. No presente ensaio, explorarei um 'diálogo' entre Kant e Bourdieu, a respeito do entendimento humano.

²Bourdieu insiste em não chamá-lo de conceito ou teoria em vários de seus textos, mas de caracterizá-lo enquanto uma ideia ou noção.

Como um autor que, pode-se dizer, nunca deixou de se colocar **em xeque**, Bourdieu manteve uma postura desafiadora sobre suas próprias teorizações envolvendo o uso da linguagem (a semântica das palavras e os termos que utilizava). Ao que parece, numa tentativa de posicionar marcadamente suas abordagens, posições teóricas e políticas no campo científico, o autor tenha recorrido intensamente a tais pensadores clássicos da razão humana.

Kant e a filosofia da consciência e do sujeito

Num exercício para empreender a presente interpretação acerca das influências do pensamento kantiano em diferentes obras de Bourdieu e sua noção de *habitus*, retomo, em algumas notas, princípios essenciais do que se convencionou denominar de filosofia do sujeito.

Nos textos – *Prolegómenos a toda metafísica futura* (2008) e *Crítica da razão pura* (2005)³ - Kant critica os princípios dogmáticos que fundamentavam a metafísica. Sua perspectiva principal nessa tarefa não era a de eliminar a metafísica, mas a de limitar suas proposições teóricas; e o fez, tendo como ponto de partida, as teorizações sobre causa e efeito em Hume. Hume estabeleceu essa relação em termos de uma inferência essencialmente **humana**, permeada por uma dependência impressionista (no sentido de inventado) e psicológica. Ao diferenciar o entendimento (*verstand*) da razão (*vernunft*), o principal acréscimo de Kant foi incluir um terceiro elemento na relação de causalidade: a ideia de necessidade.

A introdução da relação de necessidade em Kant é uma crítica severa à obrigatoriedade de uma consciência essencialmente contingente e centrada no sujeito psicológico. Para ele, a ciência não podia depender tão fortemente do contexto individual do ser humano; especialmente a matemática e a física não podiam ser interpretadas essencialmente em termos particulares. Kant atentou, sobretudo, para a existência das condições de possibilidade do conhecimento físico-matemático. Essas condições de conhecimento, para Kant (2008), se resumiam em diferentes tipos de faculdades da consciência humana: faculdade de sensibilidade, faculdade de entendimento (*verstand* - juízo) e faculdade de razão (*vernunft*).

³ *Prolegómenos a toda metafísica futura* foi escrita por Kant em continuidade e aprofundamento das questões trazidas pela *Crítica da razão pura*.

As condições para o pensamento físico ou matemático só são possíveis graças à característica apriorística do próprio pensamento humano, em outras palavras, possuímos ideias prévias sobre o tempo e o espaço – formas *a priori* de intuição ou de sensibilidade e categorias de entendimento. As formas *a priori* de intuição são faculdades do espaço-tempo, nas quais o próprio sujeito organiza as sensações que ‘recebe’: **o objeto intuído**. Na descrição dessas formas, o filósofo parece reconhecer a razão pela perspectiva empirista, na medida em que os princípios práticos são apresentados como **máximas** ou **princípios subjetivos** (Kant, 2005). Mas o filósofo vai além. As categorias de entendimento são, para Kant, faculdades de cognição, consideradas transcendentais da experiência do mundo físico, que **trabalham** parcialmente os fenômenos, organizando-os. Essas faculdades do nosso pensamento não são determinadas por contextos contingentes (contextos sócio-históricos), pois são elementos de uma **racionalidade desengajada**, de um sujeito epistêmico, universal⁴. Na perspectiva kantiana, tal consciência pode ser considerada universal, porque somos todos dotados de um mesmo aparato cognitivo, que nos leva a estabelecer os mesmos tipos de experiência.

Para muitos, a intenção de Kant era a de frear os metafísicos dogmáticos e os empiristas, criando uma teoria sobre as faculdades mentais humanas – num sentido transcendental e menos suscetível a induções de interpretação das mais diversas – introduzindo a necessidade de ver o mundo por categorias prévias, universais, que pudessem compartilhar verdades e uma visão comum do mundo. Nessa perspectiva, Kant poderia dizer: ‘Se algo é verdadeiro para nós, é (ou deve ser!) verdadeiro para todos’; devendo ser esse o papel da ciência, o de cumprir da necessidade humana de um conhecimento objetivo e universal. As formas de intuição (tempo e espaço) e as categorias de entendimento kantianas apresentam particularmente essa perspectiva ‘comum’, no entanto, é importante enfatizar que tais noções não coadunam com uma visão relativista.

O contexto da produção dessa teoria sofreu forte impacto do empirismo, e a resposta de Kant, influenciada por conceitos newtonianos e fundamentada na linguagem segura da física e da matemática, intitulou uma universalidade à

⁴ Discutirei adiante que tal traço apriorístico possa ser considerado como um elo, ainda que paradoxal e ambivalente, presente em noções e conceitos analisados por Kant e Bourdieu.

consciência humana. A caracterização de impressões mentais, baseadas em conceitos lógicos, levou a descrições da cognição humana, a partir de interpretações sem mediações ou possibilidades de ambiguidade.

É inesgotável o número de referências à obra kantiana e aos princípios da filosofia do sujeito, até os dias de hoje. Não somente Bourdieu, mas outros autores encontraram em Kant motivos para concórdia e discórdia e, acima de tudo, pontos de partida para pensar o homem e sua relação com o conhecimento e a vida social.

O conceito de *habitus* e a perspectiva kantiana

A oposição de Bourdieu à Kant é expressa a partir dos termos constitutivos da noção ou concepção em questão, sempre num posicionamento declarado dos argumentos contrários, sem, contudo, imprimir desmerecimento à trajetória filosófica.

Talvez possamos dizer que a expressão mais clara e crítica (no sentido desfavorável) quanto ao uso dos insumos da obra kantiana tenha sido feita em *A distinção* (BOURDIEU, 2007a), em particular no capítulo 1 - *Uma estética antikantiana*. Nesse capítulo, Bourdieu constrói sua crítica sobre o gosto artístico de forma frontalmente oposta àquela elaborada por Kant (CHAUVIRÉ; FONTAINE, 2003), esse mais preocupado com a ideia de discernir um prazer estético sem interesses (interesses da razão) ou de prazeres aparentes, como os voltados para os sentidos (interesses das sensações). Ao construir interpretações sobre a estética popular, Bourdieu sustenta que a principal expectativa para as classes populares é que as imagens ou objetivos guardem, antes de tudo, uma função, mesmo que somente de signo⁵:

Assim, a fotografia de um soldado morto suscita julgamentos que, favoráveis ou desfavoráveis, são sempre respostas à realidade da coisa representada ou às funções que a representação pode desempenhar, ao horror da guerra ou às denúncias dos horrores da guerra que, supostamente, o fotógrafo produz pelo simples fato de mostrar este horror. E do mesmo modo o naturalismo popular, reconhece a beleza na imagem da coisa bela, ou apesar de ser mais raro, na bela imagem da coisa bela: "Isso é lindo, é quase simétrico". E, além disso, trata-se de uma mulher linda. E uma mulher linda fica sempre bem na fotografia. (BOURDIEU, 2007a, p. 43)

⁵Esta descrição tem como base uma pesquisa desenvolvida na França, na qual entre outros instrumentos, Bourdieu e sua equipe mostram várias fotografias a diferentes indivíduos, pedindo que as analisem em termos estéticos.

Para Kant, o conhecimento racional trata dos objetos e suas leis. Tais objetos são apresentados em dois gêneros: a natureza (física) e a liberdade (filosofia moral ou estética) (KANT, 2008). A lógica (lei da razão) é um conhecimento que independe da experiência. O conhecimento empírico se fundamenta em princípios puros, os quais a razão estabelece *a priori* a qualquer experiência; a ciência desses princípios foi denominada metafísica: “A possibilidade de proposições analíticas sintéticas *a posteriori*, das que são tiradas da experiência, também não precisa de uma explicação particular; pois a experiência não é senão uma contínua adição (síntese) das percepções” (KANT, 2008, p. 39).

Bourdieu quer assumidamente se afastar de uma filosofia do sujeito clássica, colocando no homem e na sua prática (na relação com o mundo natural e social) toda a potência para esse se relacionar, ou em seus termos, para se posicionar nos **campos**. Essa noção caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna, sendo instrumento de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social, que, por sua vez, corresponde a campos específicos (científico, econômico, educacional, entre outros), nos quais são determinadas as posições sociais dos agentes, bem como seus volumes de capital (Bourdieu, 1983). Bourdieu, no entanto, coloca ênfase nas condições (antropológicas e históricas) da atuação do homem. Sem negar aquilo que, em nós, é universal ou transcendental, afirma que esses princípios, faculdades ou estruturas são, sim, interiores ao indivíduo, mas que essas assim se tornam em condições específicas de possibilidades (sociais). Por esse principal motivo, é que se diferenciam, sem deixar, por isso, de atuar de forma imanente. Trata-se de um paradoxo, assumido dessa mesma forma pelo pesquisador, que comentou precisar recorrer por vezes ao pensamento filosófico para dar conta da noção de *habitus*.

A noção de *habitus* em Bourdieu sempre esteve confrontada com a visão escolástica sobre o senso prático, sobre a lógica em ação que concebia um sujeito dotado de consciência, capaz de observar o mundo como espetáculo e construir uma representação sobre ele. A representação tomada como verdade, era estratégia de compreensão e sinônimo da lógica prática da ação – um subterfúgio teórico insuficiente para apreender a complexidade das ações sociais, na visão do autor. O conceito de *habitus*, assim, parece ter sido construído como resposta a uma tradição utilitarista e a sua insuficiência em lidar com o essencialmente subjetivo,

fora de uma lógica causal de ação e reação, consciente na sua relação com o mundo.

Quando questionado sobre a retomada da noção de *habitus*, Bourdieu faz uma pequena retrospectiva, apontando os principais autores que, antes dele, utilizaram o conceito de **forma mais ou menos metódica** (Hegel, Husserl, Weber, Durkheim, Mauss, entre outros). A intenção em comum da utilização de tal conceito, na opinião do pesquisador, foi a de romper com o **dualismo kantiano**, representado pela contraposição de tendências irreduzíveis entre si, como as de fenômeno e númeno, necessidade e liberdade (BOURDIEU, 2004, p. 24-25). O conjunto das intenções desses diferentes autores marcam, para Bourdieu, tentativas de se escapar da filosofia da consciência, explicando o **funcionamento sistemático do corpo socializado**, como fez Mauss, por exemplo.

O que Bourdieu assumidamente diz ter feito foi, por meio das aproximações realizadas por diferentes teóricos, retirar a noção de *habitus* de uma perspectiva neokantiana, o que em sua opinião, levava o **conceito** (ou noção) a uma orientação mecanicista, da prática como execução, baseada demasiadamente no estruturalismo. Dessa forma, ele, em consonância com outros autores, como Chomsky, preocupou-se em dar uma **intenção mais ativa e inventiva** à prática: “Eu queria insistir nas capacidades geradoras das disposições, ficando claro que se trata de disposições adquiridas, socialmente constituídas” (BOURDIEU, 2004, p. 25).

Levanto a hipótese de que a reação de Bourdieu à perspectiva neokantiana foi àquela feita à releitura desse filósofo pelos adeptos de um **estruturalismo destrutor do sujeito**, sendo sua vontade, nesse sentido, a de orientar seu trabalho de pesquisa, reintroduzindo a **prática do agente, sua capacidade de invenção, de improvisação**, enfim, de atuação no mundo.

Tal capacidade de atuação no mundo não advém, para Bourdieu, de um sujeito transcendental, dentro de uma **tradição idealista**, mas de um agente ativo, inventivo. Por esse motivo, Bourdieu (2004) foi acusado de materialista e, segundo ele próprio, correndo o risco de se ver **alinhado às formas mais vulgares de pensamento**, queria retomar a atividade humana como prática e não apenas como objeto de percepção:

Construir a noção de *habitus* como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático, como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação, significa

construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos. (p.26)

Nota-se, contudo, a preocupação do autor de instituir na noção de *habitus* uma potência de universalidade. Como princípio organizador da nossa maneira de conceber o mundo (aqui não precisamos distinguir um ou outro, o mundo físico do mundo social, por exemplo), que move nossas ações, sem termos que acioná-lo [o *habitus*] conscientemente. Nessa acepção, poderíamos arriscar que reside um elemento apriorístico da consciência [em alusão aos elementos kantianos], antecedendo a percepção do mundo? Pode se supor que sim, no entanto, a diferença na análise bourdieusiana é que essa categoria prévia relacionada à consciência antecede nossa percepção, sendo também simultaneamente ‘moldada’, constituída por ela, no sentido de *uma* “história corporificada”⁶. Ainda nesse sentido, podemos considerar o *habitus*, esse “princípio não escolhido de tantas escolhas” (BOURDIEU, 2004, p. 27), como um organizador universal da consciência?

Inspiração em Kant – uma sociologia das estruturas do espírito?

Na obra *Coisas ditas* (2004, p. 37-40), Bourdieu é questionado⁷ sobre a suposta retomada do **projeto de Durkheim** – o de fazer uma **sociologia das estruturas do espírito** – assim como aquela que havia sido objeto de Kant e da introdução, nesse contexto, do interesse pela dominação social que tomou conta de seus principais trabalhos. Num primeiro momento, ao tentar responder, Bourdieu pontua os problemas críticos que envolvem qualquer intenção de classificação, lembrando o quanto essas são **formas de dominação**, em especial de uma **dominação simbólica** (imposição de sentido e de legitimidade, no sentido de discurso dominante), que pode ser engendrada por uma sociologia do conhecimento – **uma sociologia do reconhecimento e do desconhecimento**.

Seus exemplos de pesquisa sobre os efeitos do exercício teórico de classificação (por exemplo, as análises das estruturas mentais objetivadas no espaço da casa na sociedade cabila e as categorias do entendimento professoral,

⁶ *L’habitus ou l’histoire faite corps* (ACCARDO; CORCUFF, 1986).

⁷ Entrevista concedida a A. Honneth, H. Kocyba e B. Schwibs, realizada em Paris, em abril de 1985 e publicada em alemão sob o *título* “Der Kampf um die symbolische Ordnung”, *Ästhetik und Kommunikation*, Frankfurt, 16, nº 61-62, 1986 (*ibidem*, Cap 1. *Fieldwork and Philosophy*, BOURDIEU, 2004).

apoiadas nas avaliações feitas por professores da Escola Normal na França⁸) são ilustrativos sobre o quanto Bourdieu supõe que as classificações são limitadas, tantas vezes provisórias, algumas delas apresentando nada ou quase nada de universal:

(...) E a referência a Kant, em vez de ser um meio de transcender [a tradição hegeliana], salvando nela o universal, como fazem certos pensadores alemães, é um meio de radicalizar a crítica, colocando em todos os casos a questão das condições sociais de possibilidade da crítica. (BOURDIEU, 2004, p. 38)

A universalidade aqui não é entendida pelo autor como uma capacidade inerente à teorização classificatória, mas é relembrada na impossibilidade de objeto acessível a todos, como supõe **o pensador absoluto**. A aceitação ou não a respeito do mesmo ponto de partida de entendimento depende dos **limites inscritos numa tradição histórica e conceitual**. O peculiar em Bourdieu, nesse contexto, é o seu interesse em buscar a universalidade de noções e conceitos, sem negar a necessidade desse recurso, superando os limites que não podem ser ignorados, sejam históricos, sejam conceituais, através de uma **ciência crítica das classificações, uma crítica sociológica da crítica teórica**.

As condições sociais de possibilidade da crítica podem ser consideradas enquanto elemento universal da perspectiva bourdieusiana. Esse é o transcendental que o autor busca para sua reflexão, que existe não somente de forma abstrata, mas sendo mediado e inscrito.

Assim, temos em Bourdieu a perspectiva do corpo social situado, não o de uma mente interior ao indivíduo ou, mesmo que ainda interiorizada, uma noção de mente descontextualizada do corpo. O corpo social/socializado é específico e ativo, mediando em conjunto (na e pela) linguagem, o que poderíamos chamar de consciência ou capacidade cognitiva dos agentes sociais. Dessa forma, Bourdieu, assim como outros contemporâneos a ele, tenta situar esse sujeito 'de novo', numa explícita reação contra a filosofia do sujeito.

A formulação e reformulação do conceito de *habitus* por Bourdieu pode ser compreendida também como uma reação do autor à forma de se pensar o homem em termos racionais, à primazia da lógica e da razão para entender o comportamento do homem e seu pensamento. Nesse contexto, o autor procurou

⁸O primeiro trabalho amplamente apoiado e admirado – talvez por seu fator exótico – pela comunidade acadêmica, e o segundo, taxado de grosseiro e transgressor, segundo o autor.

refletir sobre as razões práticas, entendendo-as como razões dentro de uma situação social.

Na obra *Razões práticas* (2008), Bourdieu apresenta um *retorno reflexivo* aos conceitos que mais fundamentaram suas pesquisas – **habitus, campo, espaço social e agente social**, substituindo esse último pela noção de ator social, enfatizando a atuação e protagonismo dos indivíduos. Nesse livro, o autor parece o tempo todo explicitar sua vontade de discutir diversos conceitos de suas obras, propondo uma abordagem que fuja à simples abstração e **especulação teórica**. A menção à Kant também se faz presente nesse livro, particularmente no estilo argumentativo de Bourdieu, **com e contra os autores**. Apresenta esse estilo, por exemplo, para reforçar sua perspectiva de classe, que problematiza de forma bastante ampliada. Apesar de essa ilustração parecer passar à margem da discussão sobre o conhecimento humano, o faço no intuito de enfatizar os problemas envolvidos na classificação.

O autor se refere à noção de classe em duas frentes, em que se dá o real e o teórico, o construído e o vivido, ponderando que **a própria validade da classificação arrisca a indução a ver classes teóricas** (BOURDIEU, 2008, p. 24):

A teoria marxista comete um erro semelhante ao que Kant denunciava no argumento ontológico ou ao que o próprio Marx denunciava em Hegel: ela dá um salto mortal da existência na teoria à existência na prática ou, nas palavras de Marx, “das coisas da lógica a lógica das coisas”. (BOURDIEU, 2008, p. 25)

Apesar de criticar esse **efeito teoria**, tão corrente na obra marxista, no qual o conceito de classe tomou força corroborante, no sentido de incitar a ver (*theorein*), Bourdieu defende a necessidade de classificação a fim de que não acreditemos que as diferenças inexistam.

Outra contribuição importante de Bourdieu na reflexão sobre os princípios de uma filosofia da existência foi a crítica à **ilusão biográfica e autobiográfica**, que influenciaram uma ampla convenção retórica. Quando o autor situa o **eu** dentro dos limites da sociologia, assemelha a sua concepção à de Kant, se atendo à existência de um **eu** no contexto das sensações singulares:

(...) Sem dúvida podemos encontrar no *habitus* o princípio ativo, irreduzível às percepções passivas, de unificação das práticas e das representações, isto é, o equivalente, historicamente situado desse eu, cuja existência devemos postular, de acordo com Kant, para dar conta da síntese da diversidade sensível intuída e da coerência de representações em uma consciência. (BOURDIEU, 2008, p. 77-79)

Mesmo admitindo a complexidade da existência individual em meio ao caos da realidade vivida, para além daquela que é teorizada ou daquela que conseguimos ver, Bourdieu situa a necessidade de lançar mão de um discurso totalizante (mas não redutor ou simplificador), na tentativa de apreender tal complexidade. Para o autor, a noção de *habitus* é um desses princípios ativos e unificadores que podem explicar ou tentar explicar as práticas e representações sociais.

Bourdieu afirma, ainda, com exemplos contundentes, que o mundo social pode atestar essa característica de universalidade, na medida em que apresenta mecanismos sociais que autorizam **a experiência comum de vida** ou de existência, enquanto unidade e totalidade, como na noção de identidade, entendida como **constância de si mesmo** e de família. Essa ideia de **totalização e unificação** do eu é evidente no nome próprio de uma pessoa, ainda que a ele não possa estar vinculada qualquer informação biológica e social. Intitulado por Bourdieu como **designador rígido**, o nome próprio pode ter sua compreensão estendida para diferentes realidades sociais, para além de variações de tempos e de espaços, como manifestação de uma individualidade intransponível.

A categoria família também pode representar essa ideia de universalidade, como **ficção bem fundamentada**⁹. Para o autor, a família é um **princípio coletivo de construção da realidade coletiva**, um conceito classificatório – **um *nomos* que todos temos no espírito** – que faz parte de nossa estrutura mental, uma espécie de doxa aceita por todos (BOURDIEU, 2008, p.126-128).

Nesse aspecto, experimenta em Kant¹⁰ o substrato transcendental e imanente, para caracterizar essa noção/categoria, que define uma forma de vê-la entre todos aqueles que foram socializados dentro de um mesmo padrão ou se pode dizer, de padrões semelhantes. Para Bourdieu, a palavra família representa uma categoria construída e reconhecida socialmente, que situada entre as estruturas objetivas e subjetivas é um exemplo perfeito de uma **construção social arbitrária**, situada no **polo do natural e do universal**.

Aqui cabe também destacar que, nem mesmo nesses termos, o autor deixou de ser criticado como um pensador adepto da lógica que critica. Seus leitores mais

⁹ No sentido de que é socialmente reconhecida.

¹⁰ “A família é um princípio de construção ao mesmo tempo imanente aos indivíduos (enquanto coletivo incorporado) e transcendente em relação a eles, já que o reencontram sob forma objetivada em todos os outros: é um transcendental no sentido de Kant, mas, sendo imanente a todos os *habitus*, impõe-se como transcendente” (BOURDIEU, 2008, p. 128).

apressados podem ser levados a concluir que Bourdieu menosprezou a capacidade racional do homem em prol da noção de *habitus*, tomada como potência (ou faculdade) inconsciente. Para o autor, a razão (em termos circunscritos socialmente) é acionada no homem no momento em que o *habitus* não dá conta de determinada situação. A mente ativa (ou o agente) irá atuar, então, de forma consciente, acionando outras estruturas, sem nunca deixar de obedecer a uma lógica comandada pelo senso prático, internalizada no corpo e em seus movimentos, funcionando em atividade, sendo parte integrante do *habitus*.

As meditações bourdieusianas, de Descartes a Pascal

Entre os livros analisados, é neste - *Meditações pascalianas*¹¹ (2007b) – que Bourdieu se dedica mais integralmente às questões filosóficas, às grandes narrativas que inspiraram tantos estudos sobre o conhecimento humano; é nessa obra também que ‘vemos’ o autor sugerir aos pesquisadores e teóricos uma postura menos ambiciosa para teorizar sobre as **coisas do mundo**. A inspiração do título, feita com base nas obras de Pascal¹², parece representar uma antiga recusa e crítica de Bourdieu à necessidade, tantas vezes imposta pelo meio acadêmico, de uma filiação teórica, feita quase sempre no sentido de um enquadramento partidário.

O autor reflete mais detidamente sobre a questão das condições sociais de possibilidade e dedica um capítulo¹³ para fazer uma crítica ponderada ao pensamento escolástico, explorando, através de interrogações **epistêmicas** e não **políticas**, a condição do conhecimento e da ciência nesse contexto que se fortificou, principalmente por meio da **universalização do caso particular** (2007b. p. 61). Em outras palavras, essa universalização significa a imposição de um modo de ver específico e que legitima uma condição social (**dominação simbólica**).

Na referida obra, Bourdieu discute o **epistemocentrismo escolástico**, levantando o suposto fracasso das tentativas filosóficas em analisar a lógica da

¹¹ O título é uma clara menção à obra de Descartes, *Meditações metafísicas* (1640), num posicionamento crítico ao pensamento escolástico. A obra – *Meditações metafísicas* (2005) representa um marco no desenvolvimento da filosofia e da ciência em geral, pois colocou a razão no centro da vida social, na qual antes as tradições e costumes primavam.

¹² A filiação e **afinidade**, em especial, se referem à postura de Pascal em relação às condutas humanas e à razão, tomadas sempre no sentido das razões comuns dos homens, da **razão dos efeitos** (2007b: 10).

¹³ Cap. II – *As três formas do erro escolástico* - referentes ao direito, à política e à estética e sobre o qual irei me deter.

prática, cuja lacuna o impulsionou ainda mais nessa investigação e reflexão: “Trata-se de levar às últimas consequências a análise que os mais intrépidos filósofos abandonam no meio do caminho, ou seja, justo no momento em que ela [a lógica da prática] se defrontaria com o social” (BOURDIEU, 2007b, p. 62).

Essa espécie de **inconsciente escolástico** influenciou tão fortemente o modo de se fazer ciência e a investigação sobre as razões práticas e a natureza do pensamento humano, que se tornou muito difícil se desvencilhar de tal princípio organizador. A alternativa para escapar a esse inconsciente está, para Bourdieu, numa atitude própria dessa forma de pensamento, num **esforço constante de reflexividade** (BOURDIEU, 2007b, p. 67).

Nesse momento de circunspeção do autor, ele nos fala, sobretudo, de um contragosto em relação às tradições escolásticas e, ao descrever o seu próprio gosto intelectual, nos faz flagrar o seu apego às tradições empiristas, das quais somos em grande maioria hoje filiados, ainda que, de fato, não o tenha feito por completo (sem um posicionamento reflexivo), como se pode observar em diversos de seus textos, nos quais se fazem presentes um meio-tom abrupto: nas diversas menções sem referência e não se rendendo por completo a um estilo de escrita protocolado pela ciência, por exemplo.

A intenção de Bourdieu é propor para aqueles que acreditam nas formas (milagrosas) do **pensamento puro**, que esse se deve às condições sociais nas quais se formou, ou seja, a partir de uma posição específica de uma determinada trajetória social.

Atualmente, no campo científico e em seus diversos espaços, o reconhecimento do universal (ou categorizações a respeito), em qualquer princípio ou característica, confere-se muitas vezes em um problema, sendo tratado como inadequação epistemológica ou metodológica. Nos contornos desse dilema, há uma densa disputa teórico-política pelo lugar (função e peso) da interação e do posicionamento cultural em um mundo que, nesses moldes, não aceita a universalidade, entendida como em franca negação enquanto categoria (talvez porque não seja compreendida como explicativa), nem ao menos como ideia ou noção.

Tantas vezes, se intui a necessidade de uma reflexão do conhecimento (reconhecimento) do **logro** e **ilusão** de alguns **universais** (conceitos, definições,

categorias e princípios). Ao mesmo tempo, é viável se propor atenção de que causas primárias e/ou princípios reguladores ‘existam’, e que esses possam fortalecer a análise crítica e reflexiva, o que talvez auxilie o escapar de um relativismo imobilizador ou reducionista do pensamento e de alguns contextos de pesquisa.

A estratégia argumentativa de Kant, permeada pela notável universalidade intitulada à consciência humana, parece ter ocorrido na intenção de frear os dogmáticos e empiristas, defendendo que a **anterioridade** (entendida como todo o conhecimento anterior ou externo) **brot**a do interior do indivíduo. Essa ideia está tão fortemente impregnada como percepção intelectual e sistema de pensamento, que muitos de nós cremos que nosso conhecimento, razão e consciência existem (de fato!) em nós mesmos, enquanto indivíduos; sendo todo o resto material, matéria-prima externa para uma elaboração própria e individual - **interioridade**. Enquanto para outros pensadores (como Marx e Vygotsky), essa **anterioridade** é exterior, ou seja, se encontra no meio social, para Kant – forte referência em diversos campos, na ética, na educação, no direito – a relação cognitiva não é feita exteriormente, mas por meio de ferramentas interiores, as quais existem individualmente em todos.

Nos limites desta análise, vale destacar a própria postura de Bourdieu, ao realizar uma autocrítica da utilização da obra de certos autores, como ele mesmo faz com Kant, lembrando que as construções teóricas carregam em si uma **polissemia objetiva** (2007a, p. 215-216) e uma indeterminação parcial, que podem possibilitar leituras diversas, oportunistas em parte, podendo flutuar e favorecer, assim, a análises posteriores, contemporâneas.

Está aí um exemplo da tarefa não cumprida sobre a qual Bourdieu tão solenemente registra em *Meditações pascalianas* (2007b). Ainda que inseridos no dilema universalismo *versus* relativismo, do qual não podemos tão facilmente nos desconectar, pode ser possível se distanciar, mesmo que em exercícios provisórios, numa tentativa de se repensar o pensamento e a ação humanos.

Referências bibliográficas

ACCARDO, Alain; CORCUFF, Philippe. *La sociologie de Bourdieu*. 2ªed. Bordeaux: Editions Le Mascaret, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. 9ªed. Campinas: Papyrus, 2008.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo; Porto Alegre: Edusp; Ed. Zouck, 2007a.

_____. *Meditações pascalianas*. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004.

CHAUVIRÉ, Christiane; FONTAINE, Olivier. *Le vocabulaire de Bourdieu*. Paris: Ellipses Édition, 2003.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel. *Prolegómenos a toda metafísica futura*. Lisboa: Edições 70, 2008. (Textos filosóficos).

_____. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Icone, 2005. (Coleção Fundamentos do Direito)